

## AO ENCONTRO DE MERLEAU – PONTY: CONTRIBUTOS PARA OLHAR O CORPO E O MOVIMENTO NA INFÂNCIA

António Camilo Cunha<sup>1</sup>

Zenaide Galvão<sup>2</sup>

**Resumo:** A partir das obras “Fenomenologia da percepção e o “O olho e o espírito” de Merleau - Ponty, vamos tentar, num exercício de abstração teórica, mostrar que o “Ser” o “Mundo” e o “Ser-no-Mundo” da (pela) Criança, mais do que um olhar pelo “olho da racionalidade técnica e científica”, deve, num primeiro momento, ser olhado pela sensibilidade, pela percepção, pela intencionalidade fenomenológica. Esse olhar tem no corpo o seu campo de ação e interpretação. Neste sentido, a intenção deste artigo é propor uma reflexão teórica sobre as dimensões que envolvem o “ver fenomenológico/pré-reflexivo”, que é anterior ao “ver racional/reflexivo”, e as possíveis consequências no ato pedagógico e didático no campo da Educação Física nas primeiras idades. A metodologia utilizada recorreu na análise de referências teóricas de um autor em particular (Merleau-Ponty) e a partir daí se propõe fazer um (outro) exercício teórico, reflexivo e especulativo no campo da Educação Infantil, em particular no que toca ao corpo e ao movimento humano. Consideramos: 1. Quanto mais rico for o estímulo fenomenológico assente na sensibilidade, percepção, intuição, imaginação, subjetividade; quanto mais rico for o estímulo pré-reflexivo (este cimento), mais rico será depois o estímulo racional de que tanto a modernidade e a pós-modernidade “gosta”. Há linguagens que vêm antes da linguagem racional; 2. A educação nas primeiras idades deverá ser uma educação para ensinar a viver com curiosidade, com alegria, com sentimento e não para adorar, produzir, cumprir...um currículo demasiado racional e ideológico; 3. A investigação/ciência nas primeiras idades não deve ficar apenas ancorada na ciência exata. As primeiras idades precisam das ciências humanas – mais ampla e mais precisa no dizer do homem. Razão, ordem, objetividade, mas também emoção, afeto, sensibilidade, subjetividade, intersubjetividade. Os professores são/deverão ser especialistas em humanidades.

**Palavras-chave:** Criança. Infância. Razão. Percepção. Corpo. Movimento.

**Abstract:** From the works “Phenomenology of perception and “The eye and the spirit” by Merleau - Ponty, we will try, in an exercise of theoretical abstraction, to show that the “Being” the “World” and the “Being-in-the-World” of (by) the Child, more than a look through the “eye of technical and scientific rationality”, it must, in a first moment, be looked at by sensitivity, by perception, by phenomenological intentionality. This look has its field of action and interpretation in the body. In this sense, the intention of this article is to propose a theoretical reflection on the dimensions that involve the “phenomenological/pre-reflective view”, which is prior to the “rational/reflective view”, and the possible consequences in the pedagogical and didactic act in the field of Physical Education in early ages. The methodology used resorted to the analysis of theoretical references of a particular author (Merleau-Ponty) and from there it is proposed to carry out (another) theoretical, reflective and speculative exercise in the field of Early Childhood Education, in particular with regard to the body and to human movement. We consider: 1. The richer the phenomenological stimulus based on sensitivity, perception, intuition, imagination, subjectivity; the richer the pre-reflective stimulus (this cement), the richer the later rational stimulus that both modernity and postmodernity “like”. There are languages that come before rational language; 2. Education in the early ages should be an education to teach how to live with curiosity, with joy, with feeling and not to adore, produce, fulfill...an overly rational and ideological curriculum; 3. Research/science in the early ages should not be based solely on exact science. The first ages need the human

<sup>1</sup> Universidade do Minho (UM), Instituto de Educação (IE), Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC), Braga-Portugal. Doutor em Estudos da Criança (Universidade do Minho, Portugal). E-mail: [camilo@ie.uminho.pt](mailto:camilo@ie.uminho.pt)

<sup>2</sup> Universidade do Minho (UM), Instituto de Educação (IE), Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC), Braga-Portugal. Doutora em Estudos da Criança (Universidade do Minho, Portugal). E-mail: [zgalvao@uol.com.br](mailto:zgalvao@uol.com.br)

sciences – broader and more precise in the words of man. Reason, order, objectivity, but also emotion, affection, sensitivity, subjectivity, intersubjectivity. Teachers are/should be specialists in the humanities.

**Keywords:** Child. Childhood. Reason. Perception. Body. Movement.

---

## Introdução

Merleau-Ponty (2004, 2006, 2007, 2008, 2011, 2012) na linha de continuidade da psicologia humanista de Edmund Husserl (1988, 2000, 2014) e da fenomenologia de Franz Brentano (1995) vai fazer um elogio à experiência sensível e fenomenológica em proveito posterior de uma (re)construção racional mais sustentada.

Através da obra: “*Fenomenologia da percepção*” Merleau-Ponty (2011) vai mostrar que a sensibilidade (onde o corpo tem um lugar central) pode (e deve) substituir a razão nomeadamente nos sentidos iniciáticos do Ser ontológico (MATURANA, 1997), para depois sustentar ainda mais essa razão – um alicerce. Por outro lado, numa outra obra: “*O olho e o espírito*”, Merleau-Ponty (2004) procura mostrar que a *visão* é um modo privilegiado de acesso ao Ser. A redução do mundo ao objeto concebido faz-nos aprender a *ver* o mundo a partir do corpo. É aqui que encontramos o imperativo da sua fenomenologia, que vai de alguma forma fazer uma separação com uma larga tradição que remonta a Platão e culmina com a ciência moderna.

Para os racionalistas, a sensibilidade impede que atinjamos o ser das coisas e para conhecer o mundo é preciso reaprendê-lo nas categorias do pensamento, anulando a experiência confusa e superficial que o corpo faz dele. Merleau-Ponty busca, ao contrário, fazer o elogio à sensibilidade e à percepção e assim mostrar que o ponto de vista da ciência não poderá estragar a nossa relação com o mundo. Aliás, elas (a ciência e a razão) ficarão mais fortes tendo em consideração a sensibilidade e a percepção. A visão da ciência e da razão (dizemos nós) não poderá estragar a nossa relação com a educação infantil, em particular no que concerne ao corpo e ao movimento humano, pois nessas idades a sensibilidade e a percepção começam o seu caminho, e é sobre esses aspectos que a reflexão do presente artigo pretende aprofundar.

Diante o exposto, o objetivo desta reflexão teórica é convocar o pensamento fenomenológico de Merleau-Ponty e tentar mostrar o quão importante ele pode ser para olhar

o corpo e o movimento na Infância. Além disso, buscamos destacar o quão importante ele pode ser para a construção de novas práxis didático- pedagógicas.

### **Aspectos metodológicos**

A metodologia utilizada é baseada em quadros teóricos de Fenomenologia da percepção (MERLEAU-PONTY, 2011) e O olho e o espírito (MERLEAU-PONTY, 2004) e a partir daí fazer um (outro) exercício teórico, reflexivo e especulativo no campo da Educação Infantil, em particular no que toca ao corpo e ao movimento humano. Trata-se, portanto, de uma revisão bibliográfica da literatura que buscou analisar referências teóricas a partir de uma abordagem essencialmente qualitativa.

### **Merleau-Ponty e a obra Fenomenologia da percepção**

Merleau-Ponty (2011), na sua obra “fenomenologia da percepção”, propõe uma crítica ao naturalismo/empirismo e ao intelectualismo nos seus olhares para a ação humana. Para Merleau-Ponty (2011, 2008) a abertura da nossa consciência ao mundo, antes de ser realizada pela razão e pela técnica é realizada com o nosso próprio corpo - o corpo próprio.

O corpo próprio não é o corpo na sua extensão que é esgotada pela fisiologia, pela química e pela física, mas sim, este “corpo meu” enquanto lugar de onde vivo e onde experimento o mundo. Uma das grandes questões que ele levanta na obra é como recusar as concepções empiristas e intelectualista. Segundo o empirismo, a percepção é registro passivo de nossas impressões sensoriais, já o intelectualista apresenta sempre a percepção animada por um espírito ou pela consciência. Merleau-Ponty (2011, 2007) apresenta-nos, assim, uma concepção fenomenológica da percepção refutando tanto o empirismo como o racionalismo. Para tal, apoia-se na ciência do seu tempo, especialmente das ciências experimentais da percepção e também dos avanços antropológicos desenvolvidos no século XX, para considerar que há um tempo e um espaço (perceptivo e de sensibilidade) estruturante da racionalidade.

Para Merleau-Ponty (2011, 2008) a visão científica do mundo supõe o solo mais fundamental da experiência perceptiva. Ou seja a ciência antes da sua racionalidade tem em si, traz em si uma experiência perceptiva. A ciência é indiscutivelmente um discurso de segunda

ordem, construída a partir de uma experiência perceptiva (discurso de primeira ordem) que nos abre ao mundo. Voltar aos fenômenos (eles mesmos) como eles se apresentam a nós com toda a sua originalidade – redução fenomenológica, colocar entre parênteses a racionalidade – parece ser a primeira ordem. Se a ciência não esquecer esta etapa, chegará a descrições mais perfeitas, evitando os erros da reflexão e evitando as concepções alternativas da percepção.

Apoiando-se nos avanços experimentais da psicologia da forma – vai (como já referenciamos) fazer uma crítica à visão do empirismo e do intelectualismo - mostrando que a percepção não pode reduzir-se a um conjunto de impressões, como faz o empirismo e nem a um julgamento que animam os sentidos como faz o intelectualismo. De fato, as sensações e as percepções são, num primeiro momento, vividas de forma direta e imediata. A reflexão racional será efetuada num segundo momento onde a interpretação será mais sustentada. Todas estas ações têm o corpo como base de expressão.

Assim, a percepção está enraizada no corpo próprio, o corpo que é meu, que eu experimento na primeira pessoa que é o lugar no qual tomo posse do mundo e projeto as perspectivas vividas. Corpo que não pode reduzir-se a um ponto de vista exterior e geométrico. O corpo não é apenas a sua extensão, a sua matéria. “Este corpo próprio totaliza minha história, minha trajetória afetiva, social e cultural abrindo-me o mundo que sempre tem para mim uma coloração e um relevo particular assim, ele me exprime e prolonga no meu comportamento e nas minhas palavras” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.45).

Merleau-Ponty (2011, 2008, 2012) aborda também os conceitos: espaço-tempo e liberdade. O espaço geométrico, o tempo abstrato e quantitativo e a liberdade como indiferença do livre arbítrio são construções da consciência reflexiva, e, sobre essas construções há lugar para especialidade orientadas pelo corpo, corpo este próprio. Aqui é importante (como temos vindo a referir) não entender o corpo simplesmente como extensão, mas sim como o corpo próprio (encarnado, espiritualizado). É importante também entender o conceito de tempo como temporalidade, como uma temporalidade concreta do passado, presente e futuro numa espécie de unidade, unidade essa da vida vivida, mas também um esforço para projetar a sua história para novas possibilidades. Se pensarmos os filósofos antigos e medievais, eles falam da percepção apenas como algo muito precário ou simplesmente que atrapalha. Pensadores modernos também pensam dessa forma por meio do empirismo e do racionalismo. Mas Merleau-Ponty (2011, 2007, 2012) vai mais além,

considerando o corpo e a percepção como estruturantes do viver e do pensar mais profundos e iniciáticos.

Ao abordar a percepção, Merleau-Ponty (2011, 2007, 2012) vai também mais a fundo, apresentando três figuras da consciência que são: a certeza sensível, a percepção e o empreendimento. O entendimento vai além da percepção e a percepção vai além da certeza sensível, então isso significa que tanto a certeza sensível como a percepção, e também o entendimento, são momentos fracos do conhecimento. De modo geral os pensadores, não valorizam a percepção, eles falam que a razão intelecto, o entendimento é bem melhor que a percepção no processo cognitivo. Merleau-Ponty (2011, 2008) acaba acusando assim a história da filosofia como extremamente intelectualista fazendo a propósito a seguinte pergunta: quando estamos no mundo sem ideias pré-concebidas, como nós olhamos o mundo, como nós nos aproximamos e experimentamos o mundo? A resposta é dada pela percepção, portanto, a percepção é o primeiro contato que nós temos com as coisas. Sentimos o mundo, vivenciamos o mundo e o nosso primeiro contato é com o corpo próprio, com o nosso corpo. Retornar à origem do nosso conhecimento é retornar ao estágio da percepção a que chama de pré-reflexão, ou seja, a nossa vida não é sempre refletida, portanto, a grande tese defendida por Merleau-Ponty (2011) nessa obra é a seguinte: devemos fazer um processo de recuperação da percepção.

### **Merleau-Ponty na obra “O olho e o espírito”: a crítica à ciência e à técnica**

Na obra “*O olho e o espírito*” Merleau-Ponty (2004) aborda e desenvolve conceitos como ciência, razão, técnica, corpo, sensibilidade, percepção, olhar/visão. Para Merleau-Ponty (2004) a ciência manipula as coisas e renuncia a habitá-la. A abordagem científica reduz a visão do mundo a um objeto fabricado pelo e para o espírito.

Para além disso, a ciência substitui o lado sensível (considerado não essencial) dos modelos intelectuais sobre os quais o pensamento pode operar indefinidamente. Mas se a ciência sentia que o mundo a ultrapassava, a ciência contemporânea perdeu o sentimento da opacidade do mundo ocultando, assim, a *questão do sentido* em proveito da eficácia que é puramente técnica. Trata-se, aqui, de reconstruir o mundo para torná-lo transparente e operacional.

A ideologia técnica empobreceu a nossa relação como ser e subverteu a nossa relação conosco mesmo, pensando conforme o modelo de artifício. O ser humano transforma-se em objeto manipulável para conjurar o pesadelo de uma cultura, na qual a técnica se torna o único valor, é urgente voltar à vasta camada do sentido bruto (iniciático, sensível, natural, ontológico) segundo Merleau-Ponty (2004, 2008). Sentido bruto não é mais que o mundo sensível, que é dele que surge todos os discursos. A distinção clássica do sujeito com o objeto não nos permite compreender a nossa relação com o mundo, é preciso sim, partir da experiência que nós fazemos dele por meio do nosso corpo.

### **A importância da (visão) da sensibilidade e do corpo**

“O corpo é irredutível ao fragmento do espaço dissecado pela ciência. O corpo é ao mesmo tempo aquilo pelo qual o ser humano está preso no tecido do mundo e o que lhe permite escrever nele um sentido” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 24).

O mundo não é algo de exterior a nós, onde o espírito dominaria e apropriar-se-ia, por meio de uma representação. Não, o mundo engloba-nos e aparece no momento de reflexão pelo qual o corpo vidente se faz visível. Através da visão (sensível), o corpo abre-nos ao mundo e a nós mesmos, colocando em contrato íntimo com o “Ser” do qual fazemos parte.

Ao contrário, a visão (racional) recusa a corporeidade e anula o sensível. A modernidade racional e científica subordinou a visão a uma operação do pensamento onde não é o olho (sensível) que vê, mas é o espírito/razão que decodifica os dados sensíveis e confusos para construir uma representação matemática e clara das coisas. Contudo, no sentido fenomenológico, talvez possamos dizer que o mundo não se reduz a matéria extensa e as suas propriedades. A profundidade não se reduz a uma terceira dimensão, nem a cor a uma qualidade segundo um comprimento de onda, nem a linha a uma função geométrica, nem o movimento a uma justa posição de instantes fixos. Colocando-nos no centro do enigma da visão, a pintura moderna rompe com o pensamento clássico, permite-nos aprofundar a nossa relação com o mundo e conosco mesmo. Fazendo-nos reaprender o que significa ver, e segundo Merleau-Ponty (2004), “ver não é sobrevoar o mundo pelo espírito para dominá-lo, mas abrir-se a ele, ajustar-se a ele, prolongá-lo, explorando-o pelo nosso corpo” (p. 55).

Nesta direção, entendemos que a pintura não pode ser pensada segundo o modelo de imitação, porque o quadro não é uma representação de um exterior, o que ele mostra é a visão

do pintor e torna-se visível, e nele e por ele existe o surgimento do ser. O pintor revela-nos o que a visão ordinária não vê - “o fogo invisível do invisível”. Ao contrário da ciência que pretende tornar o mundo transparente ao pensamento, ele questiona e celebra o mistério da sua presença.

### **Olhar para o corpo e para o movimento na Infância: o lado de fora e o lado de dentro**

Pelo exposto talvez possamos fazer um exercício analógico e especulativo sobre o corpo e o movimento na Infância e suas implicações na aprendizagem. Este exercício poderá tomar como ponto interpretativo (metafórico) o *lado de fora* e o *lado de dentro*.

O *lado de fora*, por sua vez, traz corpo e o movimento olhado por uma racionalidade e reflexão científica - em particular das ciências naturais. Este fato faz carrilar o corpo máquina, o corpo controlável, previsível, medível; o corpo objeto, dualista. Um olhar preocupado com uma concepção de homem, de educação e de sociedade, calcada no rendimento, na eficácia, na competição, na produção.

*A metáfora: A nudez do corpo e do movimento...vestido, bem vestido, vestido de reflexão, razão, e representações teóricas.*

O *lado de dentro*, contudo, traz o corpo e o movimento olhado por uma sensibilidade e percepção. Este fato faz carrilar o corpo e o movimento fenomenológico, onto-fenomenologia. Um carrilar onde vai haver a substituição da razão, da norma, da prescrição, pela sensibilidade, pela percepção, pela intencionalidade fenomenológica... local onde mora a relação ingênua e autêntica com o mundo (o seu imperativo fenomenológico). A fenomenologia enquanto descrição direta da nossa experiência primeira com o mundo. Perceber o que o mundo é para nós, antes de qualquer racionalidade. A exploração do mundo constituindo este facto como a possibilidades de nos compreendermos e compreender o próprio mundo. É uma compreensão anterior à racionalidade, à norma, à prescrição. Um mundo vivido da criança, antes de ser colonizado pelo conhecimento proveniente da ciência/razão deve ter o privilégio de sentir o “fogo fenomenológico”.

*A metáfora: A nudez do corpo e do movimento...de “carne e osso”, na “sua nudez primeira”, nudez de percepção, ingenuidade, sensibilidade...sem qualquer representação teórica.*

## O corpo/movimento como valor e linguagem

O corpo e o movimento como valor num tempo e num espaço primeiro. Um tempo e um espaço de significado ingênuo, fenomenológico do corpo e do movimento, o corpo não está no espaço...ele é o espaço e o tempo – dentro, de oportunidades para *Ser eu*. O corpo não é um objeto...é o sujeito em ação, consciência, linguagem. A consciência de que tenho dele não é pensamento. Conhecer o corpo humano só o posso fazer no vivê-lo (experiência). Ser ele, confundir-me com ele (monismo). A experiência do próprio corpo (experiência do corpo, ou o corpo em realidade – sermos corpo) opõe-se ao movimento reflexivo que destaca o objeto do sujeito e o sujeito do objeto – pensamento e ideia. Despertar a experiência do mundo (Benjamim, 2002, 2012), tal como ela nos aparece. Perceber o mundo com o nosso corpo, pelo nosso ser, sensibilidade, percepção...antes da razão. Para perceber a corporeidade é preciso vivê-la...ser criança, ela mesmo, experiência, significação. *Ser corpo, como a primeira expressão da (e) - Ser Criança*.

O corpo e o movimento como *locus* de linguagem – *uma linguagem*. Esta ideia de *linguagem* parece ser estruturante no pensamento fenomenológico: a ideia de que é preciso reconhecer antes do pensamento teórico, antes da significação real o sentido expressivo presente no mito, na poesia, no corpo, assumindo uma ligação primordial transversal entre objetividade e subjetividade, entre consciência, o corpo e a sua expressão na linguagem (linguagem sensível, pré-consciente). A linguagem fenomenológica...instante que se realiza com expressão... um estado nascente e ingênuo.

O corpo é o locus do sentido, do significado fenomenológico que vem antes da reflexão – é pré-reflexivo, é intimidade, é sentimento, é emoção. É a casa da poesia, da arte, do sonho, da imaginação, dos silêncios, das perguntas...estas são as essências. E talvez possamos ir às essências (chegar à verdade) pelo caminho fenomenológico.

Quando um pintor pinta, mais do que a questão técnica é o sentimento, é uma estética que o pincel revela. “*É emprestando o seu corpo ao mundo que o pintor transforma o mundo em pintura*”.

Quando um pianista toca na tecla mais do que a questão técnica é o sentimento e a emoção que está no seu dedo...que está no seu corpo todo. “*É emprestando o seu corpo ao mundo que o pianista transforma o mundo em música*”.

Quando uma criança chuta uma bola (brinca – livre brincar) mais do que uma questão técnica – que a ciência e a escola tanto gostam - é o corpo pré-reflexivo, fenomenológico que chuta, que brinca – é a celebração do mistério da existência da criança com sentido e significado. “*É emprestando o seu corpo ao mundo que a criança transforma o mundo em brincadeira...num movimento quente...o fogo invisível do invisível.*”

### **Implicações metodológicas, didáticas e pedagógicas**

Podemos agora olhar para o ato educativo pelos *dois lados*. Facilmente podemos constatar que o *lado de fora*, vai olhar e intervir no ato pedagógico tendo como representações teóricas e práticas um corpo/movimento como objeto coisificado, fragmentado, de explicação causal, (biológico, químico, físico) disciplinar. Um corpo/movimento como algo físico, mecânico, de estímulo/resposta que vem de fora para dentro... deslocamento do corpo. Por seu turno o *lado de dentro* vai olhar e intervir no ato pedagógico tendo como representações teóricas e práticas o corpo/movimento como experiência, fenômeno, intencionalidade ontológica, ser-no-mundo, sujeito de potência, de percepção, de sensibilidade (BENJAMIM, 2002, 2012; KUNH, 2018; KUNZ, 1991; MERLEAU-PONTY, 2006). Sujeito protagonista de uma multiplicidade de significados e sentidos, de relações, de complexidades onde o inusitado, o diálogo, a relação e a individuação se fazem presentes. Ter *consciência* destes caminhos será o primeiro passo para a mudança (ou não) do ato pedagógico e as implicações que têm na necessidade de construir e colocar em prática novos caminhos e instrumentos didático-pedagógicos.

### **Para concluir...três notas e perguntas necessárias**

Por aquilo que expusemos gostaríamos de deixar três notas e algumas perguntas – *para uma tomada de consciência pedagógica.*

1. Quanto mais rico for o estímulo fenomenológico assente na sensibilidade, percepção, intuição, imaginação, subjetividade; quanto mais rico for o estímulo pré-reflexivo (este cimento)...mais rico será depois o estímulo racional...de que tanto a modernidade e a pós-modernidade gosta. Há linguagens que vêm antes da linguagem racional...

*O que difere Lionel Messi, Cristiano Ronaldo...mais do que o sentido técnico-tático, mais do que o sentido racional...o que os difere, o que os torna distintivos... é o fogo fenomenológico que existe neles...aquele espanto...o nunca antes visto...*

2. A educação nas primeiras idades deverá ser uma educação para ensinar a viver com curiosidade, com alegria, com sentimento e não para adorar, produzir, cumprir...um currículo demasiado racional e ideológico.

3. A investigação/ciência nas primeiras idades não deve ficar apenas ancorada na ciência exata. As primeiras idades precisam das ciências humanas – mais ampla e mais precisa no dizer o homem. Razão, ordem, objetividade, mas também emoção, afeto, sensibilidade, subjetividade, intersubjetividade. Os professores são/deverão ser especialistas em humanidades.

Serão estes dois lados/mundos antagônicos? Como estabelecer uma dialética (teórica) entre o lado de fora e o lado de dentro? Como estabelecer uma dialética (didático-metodológica- pedagógica) entre o dado de fora e o lado de dentro? Como permitir que sejam as crianças a olhar para os adultos – um primeiro momento; mas também que os adultos olhem para as crianças - um segundo momento?

## Referências

BENJAMIN, Walter . **Reflexões sobre a Criança, o Brinquedo e a Educação**. São Paulo: Editora 34, 2002

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas II: rua de mão única**. 6ª ed.. São Paulo: Brasiliense, 2012

BRENTANO, Franz. **Psychology from an Empirical Standpoint**. London: Routledge, 1995.

HUSSERL, Edmund. **A Ideia da Fenomenologia**. Lisboa: Edições 70.

HUSSERL, Edmund. **Meditações Cartesianas. Introdução à fenomenologia de Edmund Husserl**. Editor Madras, 2014.

HUSSERL, Edmund. **Investigações Lógicas: Sexta investigação – elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento**. (Os Pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1998.

KUNZ, Elenor (1991). **Educação Física: Ensino e mudanças**. Editora da UNIJUÍ.

KUNH, Roselaine. Da crisálida à borboleta: a liberdade da criança em brincar e se-movimentar na educação de infância. **Tese de Doutorado**, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2018.

MATURANA, Humberto. **Ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1997.

MERLEAU-Ponty, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac & Nacif, 2004.

MERLEAU-Ponty, Maurice. **Psicologia e Pedagogia da Criança: Curso da Sorbonne - 1949-1952**. São Paulo: Martins Fontes, 2006

MERLEAU-Ponty, Maurice. **A prosa do mundo**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

MERLEAU-Ponty, Maurice. **A estrutura do comportamento**. Tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2008

MERLEAU-Ponty, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MERLEAU-Ponty, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2012.